

— Oh! mas creio que sinceramente gostamos uns dos outros — atalhou Hammond.

— Sim, já que pelas costas dizemos tantas perversidades uns dos outros — eu mais do que todos.

— Suponho que vocês confundem vida mental com aquele espírito crítico ao qual Sócrates deu tão grande impulso, observou May.

Dukes recusou-se a comentar Sócrates.

— É verdade, espírito crítico e ciência não são a mesma coisa, disse Hammond.

— Claro que não são — sussurrou Berry — um rapaz tímido que viera e fora ficando.

Todos o olharam como se um asno tivesse falado.

— Não falo de ciência, replicou Dukes rindo-se, falo da vida mental. A verdadeira ciência emana do conjunto do nosso ser consciente, do nosso ventre e de nosso pênis, tanto quanto do nosso cérebro e do nosso espírito. O espírito só pode analisar e explicar. Quando o espírito e a razão dominam o resto, só temos a crítica fria. É tudo quanto podem fazer — e é de grande importância. Santo Deus, como o mundo tem hoje necessidade de crítica! Sendo assim, vivemos a nossa vida mental, e exultamos com a malevolência, desmascarando as velhas farsas. Mas, prestem atenção, vejam o que ocorrerá; embora vivamos a nossa vida, fazemos parte orgânica do todo. E nada mais nos fica da vida senão a vida mental — tornamo-nos maçãs caídas da árvore. Vem daí malevolência, como à maçã caída vem a podridão.

Clifford arregalava os olhos. Nada via naquilo. Constance sorria para si mesma.

— Muito bem, todos somos maçãs caídas, disse Hammond com acidez.

— Nesse caso, tornemo-nos em cidra, chasqueou Charlie.

— Mas que pensam do bolchevismo? indagou o rapaz tímido, como se toda a discussão se encaminhasse para esse assunto.

— Bravos! urrou Charlie. Que pensam do bolchevismo?

— Vamos, estraçalhemos o bolchevismo! propôs Dukes.

— Acho que o bolchevismo é assunto amplo demais — disse Hammond, meneando gravemente a cabeça.

— O bolchevismo parece-me a expressão requintada do ódio a essa coisa que eles chamam de burguesia, tornou Charlie. Mas ao que chamam eles de burguesia? Palavra muito vaga. É, entre outras coisas, o capitalismo. Os sentimentos e as emoções são também de tal forma burguesas que é preciso criar, inventar o homem desprovido dos sentimentos e emoções. Por conseguinte, o homem individual, e sobretudo o homem pessoal, é burguês — tem que ser suprimido. A humanidade há que submergir nessa grande coisa: a coisa social soviética. Até o próprio organismo é burguês — de modo que o ideal tem que ser mecânico. A única coisa que é una, não-orgânica, composta de muitas partes diferentes, embora essenciais, é a máquina. Cada homem é uma parte da máquina, e a força motora da máquina é o ódio a tudo que é burguês: eis o bolchevismo.

— Certamente — concordou Tommy. Mas isso também parece uma perfeita descrição do ideal industrial. É, em poucas palavras, o ideal dum dono de fábrica, exceto (dirá ele) quanto ao ódio como força propulsora. E, no entanto, a fábrica é o ódio, o puro ódio à vida. Vejam cá estes Midlands: o ódio faz parte da sua vida mental — é o seu desenvolvimento lógico.

— Nego que o bolchevismo seja lógico, já que rejeita a maior parte das premissas, objetou Hammond.

— Mas, meu caro, o bolchevismo admite as premissas materiais — como também faz o espírito puro.

— Em todo o caso, o bolchevismo desceu até o fundo das coisas, disse Charlie.

— Ao fundo! A um fundo que não tem fundo! Em pouco tempo os bolchevistas terão o melhor exército da terra e o melhor equipamento material.

— Mas isto não pode seguir assim... todo este ódio. Há de sobrevir uma reação, replicou Hammond.

— Por ela estamos esperando, e muito esperamos ainda. O ódio é uma coisa que cresce, como tantas outras. É o resultado inevitável da violência imposta aos nossos instintos mais profundos: violentamos os nossos sentimentos mais puros para torná-los conforme a certas idéias. Acionamo-nos por meio duma fórmula, como as máquinas. O espírito lógico pretende governar os homens — e surge o ódio.